

## “Do coquo chamado, scilicet, do coquo comum”: Garcia de Orta em diálogo com a ciência

Natália Albino Pires  
Escola Superior de Educação de Coimbra/  
IELT-EISI (NOVA - FCSH)/  
Cátedra UNESCO em *Património Imaterial e Saber-Fazer Tradicional:  
Interligar Patrimónios* (UÉvora)  
natalia.pires@gmail.com  
Data de receção do artigo: 27-01-17  
Data de aceitação do artigo: 28-07-17

### Resumo

O labor científico de Garcia de Orta, patente nos *Colóquios dos simples e drogas da Índia*, teve reflexo em tratados coevos e ulteriores como o *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias*, de Cristóvão da Costa, ou o *Hortus Indicus Malabaricus*, de Hendrik Van Rheedee.

Tendo em conta o diálogo científico que se estabelece entre estas e outras obras de *materia medica*, analisaremos, a partir da descrição do coco comum (*cocos nucifera* L.), os aspectos intertextuais que denotam o conhecimento científico sobre este alimento ao longo de todo o século XVII.

**Palavras-Chave:** *Materia Medica* – *Cocos nucifera* L. – Garcia de Orta – Século XVII – Conhecimento científico europeu.

### Abstract

The scientific work of Garcia de Orta, the *Colóquios dos simples e drogas da Índia*, was reflected in contemporary and later treatises like the *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias*, of Cristóvão da Costa, or the *Hortus Indicus Malabaricus*, of Hendrik Van Rheedee.

Taking into account the scientific dialogue between these and other works of *materia medica*, we will analyze, from the description of the common coconut (*cocos nucifera* L.), the intertextual aspects that denote the scientific knowledge about this nutriment throughout the seventeenth century.

**Key words:** *Materia medica* – *Cocos nucifera* L. – Garcia de Orta – Seventeenth Century – European scientific knowledge.

## 1. Considerações preliminares

Até ao século XV, o conhecimento científico ocidental foi sendo veiculado desde a Grécia antiga em sucessivas traduções do grego para o latim ou para o árabe<sup>1</sup>; do árabe para o hebraico ou novamente para o latim (sobretudo nos séculos XII/XIII); do latim para as diferentes línguas vernáculas europeias. Com a expansão ultramarina, a velha Hispânia não só dá novos mundos ao mundo como revoluciona a forma de fazer ciência, porquanto os novos tratados se ancoram na experiência directa e recorrem a um tom claramente experiencialista, tal como o exigia o Humanismo quinhentista e seiscentista. Consequentemente, os tratados científicos decorrentes das navegações e do contacto com povos e civilizações não pertencentes à bacia do Mediterrâneo aduzem informações complementares aos tratados latinos e árabes que circulam na Europa. Por outro lado, verificamos que descrevem um novo conhecimento que não consta em nenhum dos tratados anteriores. Na realidade, os novos tratados científicos derivados da diáspora permitem corroborar, invalidar ou ampliar o conhecimento científico difundido ao longo de séculos com poucas alterações, inovações ou ampliações.

A partir do século XVI, França, Holanda, Inglaterra e Alemanha entram na corrida da expansão, tendo como móbil principal, tal como Portugal e Espanha, o comércio e o domínio das redes comerciais fornecedoras de matérias-primas. Graças à entrada dos países do centro e norte da Europa na corrida das conquistas ultramarinas e graças à difusão da imprensa, não só as sucessivas cópias manuscritas dos tratados clássicos de *materia medica* entram em desuso como dão lugar a novos tratados científicos impressos, tanto em latim como em línguas vernáculas. Enquanto língua de comunicação, o latim potencia a divulgação dos tratados científicos extra muros. A transposição desses tratados para língua vernácula ou a redacção de tratados em línguas nacionais permite, por seu turno, a divulgação do conhecimento fora dos círculos eruditos tradicionais (como o clero).

---

<sup>1</sup> Não podemos obliterar as traduções do sânscrito para grego e/ou para persa.

Com efeito, verifica-se, desde a centúria de quinhentos, uma extraordinária expansão do conhecimento e um amplo intercâmbio de conhecimentos. Rastrear, por isso, o diálogo que se estabelece a partir do século XVI entre diferentes tratados científicos europeus num qualquer domínio do saber ou durante um determinado período requer mais espaço do que aquele de que dispomos. Não obstante, ensaiamos uma proposta de diálogo. Assim, partimos de uma investigação mais alargada, que iniciámos há algum tempo, sobre a referência das propriedades medicinais do coco (*cocos nucifera* L.) em diferentes tratados de *materia medica* desde a antiguidade clássica à etnomedicina do século XXI e sobre a comprovação laboratorial actual dessas propriedades. Centramos a nossa atenção numa obra de referência da cultura científica portuguesa de quinhentos, os *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* de Garcia de Orta<sup>2</sup>, e focamo-nos, particularmente, no capítulo XVI intitulado “Do coquo chamado, scilicet, do coquo comum e do das Maldivas”.

Neste espaço, procuraremos rastrear o diálogo científico que se estabelece entre o conhecimento coligido, na obra de Garcia de Orta, sobre as propriedades medicinais do coco e o conhecimento dessas mesmas propriedades medicinais veiculado por tratados europeus de *materia medica* quinhentistas, mas sobretudo seiscentistas.

## 2. O saber científico de Garcia de Orta extra muros

Garcia de Orta, especificamente a sua obra *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, traça uma fronteira entre a antiguidade e a modernidade e marca indelevelmente o conhecimento no âmbito da *materia medica* e da farmacopeia ocidentais (D’Cruz, 1991; Lopes, 2006; Aires-Barros, 2008; Liberato, 2011; Carvalho, 2011; Kochhar, 2012; Soler e Pimentel, 2014; Malieckal, 2015). A estadia de Orta em terras do Oriente permite-lhe validar e/ou invalidar o conhecimento veiculado em diferentes tratados médicos desde a antiguidade e ampliar o conhecimento farmacopeico ocidental (Lopes, 2006; Liberato, 2011; Pires, 2016). A minúcia do registo da informação recolhida explicitamente em diferentes fontes inaugura uma nova forma de conceber a ciência que viria a fazer escola em tratados de *materia medica* subsequentes.

---

<sup>2</sup> Não tratamos neste espaço quaisquer questões relativas aos problemas editoriais dos *Colóquios* e optamos por citar pela edição da IN-CM (1563-1987).

Ainda assim, os *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* e o nome de Garcia de Orta só ganham notoriedade na Europa com a publicação, em 1567, do *Aromatum et Simplicium aliquot medicamentorum apud Indios nascentium historia*. Trata-se da tradução da obra de Orta para latim feita por Clusius<sup>3</sup> que inclui na sua tradução imagens das plantas, anotações várias e comentários (Carvalho, 2013; Lopes, 2006). Segundo Costa e Carvalho (2013: 9):

It is indisputable that Clusius was mainly responsible for the success of the circulation of Orta's name and ideas in Europe during the sixteenth century and afterwards. Indeed, we have seen that the way in which Clusius appropriated the text was crucial in rendering it suitable for an European readership, not only in terms of language, but also in terms of form including the presentation of comments and illustrations.

Após a tradução de Clusius, tanto o nome de Orta como os *Colóquios dos Simples* surgem referenciados, explícita ou implicitamente, em tratados ulteriores de toda a Europa<sup>4</sup>.

Embora a difusão do Saber autorizado por Orta pela Europa fique, maioritariamente, a dever-se à tradução de Clusius, não podem obliterar-se, nem as traduções da obra de Orta para italiano, francês e inglês<sup>5</sup>, nem as obras posteriores editadas por toda a Europa baseadas nos *Colóquios dos Simples* ou no *Aromatum et Simplicium*. Também não devem esquecer-se as obras castelhanas coevas, muito particularmente o *Discurso de las cosas aromáticas, arboles y frutales*, de Juan Fragoso, e o *Tractado de las drogas y medicinas de las indias orientales*, de Cristóvão da Costa (Carvalho, 2013: 48-49)<sup>6</sup>, porquanto são responsáveis pela divulgação do trabalho de Garcia de Orta por todo o espaço hispano-falante, tendo sido também elas alvo de tradução para latim.

Perceber o diálogo científico que se estabelece entre o saber transmitido nos *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* e o difun-

<sup>3</sup> Charles de l'Écluse (1525-1609), de visita Portugal, tem notícia da obra do médico português. Para informações mais específicas sobre a visita de Clusius a Portugal e sobre a forma como conhece o trabalho de Garcia de Orta e dele se apropria, cf. Lopes (2006); Carvalho (2013 e 2014); Costa e Carvalho (2013).

<sup>4</sup> Por exemplo, Bhattacharyya (1982); Lopes (2006); Carvalho (2011) ou Costa e Carvalho (2013) apresentam listagens não exaustivas de autores que se referem ao trabalho de Orta.

<sup>5</sup> Cf., por exemplo, Soler e Pimentel (2015) ou Gil García (2015).

<sup>6</sup> Para informações mais detalhadas, cf. Carvalho (2011 e 2013).

dido em tratados subsequentes requer, por um lado, que se tenha presente a tipologia das obras a analisar e, por outro, o seu agrupamento em: traduções, obras baseadas, obras inspiradas ou plágios. Não sendo este o espaço para uma enumeração exaustiva das referências às propriedades medicinais do coco, destacamos aqui os exemplos que acrescentam informação aos *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, informação essa que entronca não só no actual conhecimento laboratorial, mas também no conhecimento da etnomedicina, da etnobotânica e da etnofarmácia (Pires, 2016).

### 3 – *Cocos nucifera*, vulgo coco, no Colóquio décimo sexto

O “colóquio” décimo sexto, intitulado “Do coquo chamado, scilicet, do coquo comum e do das Maldivas”, versa, numa primeira parte, sobre o *cocos nucifera* L. e, numa segunda parte, sobre o *lodoicea maldivica* L., duas diferentes espécies de coco. Neste “colóquio”, os dois intervenientes, Orta e Ruano, debatem as utilidades comerciais e os usos medicinais tanto do *cocos nucifera* L. como do *lodoicea maldivica* L., patenteando-se, deste modo, o conhecimento sobre ambos os cocos à época de Garcia de Orta.

Com efeito, o “colóquio” parte da questionação de Ruano sobre “a árvore dos coquos” (*cocos nucifera* L.) pois que “sempre [ouviu] dizer que era hum arvore que dava muitas cousas nesseçarias á vida humana” (Orta, 1987: 235). Na resposta, Orta confirma tratar-se de uma árvore que “dá tantas e nesseçarias [cousas], que não sey arvore que dê a sesta parte” (Orta, 1987: 235). Neste “colóquio”, Orta expressa a Ruano todos os proveitos conhecidos desta árvore.

Começa por enunciar os diferentes nomes por que tem sido conhecido o coco e o coqueiro (*cocos nucifera* L.) até à sua época e, das palavras de Orta, ficamos a saber que “os gregos antigos delle não escreveram cousa alguma (...) e os Arabios escreveram pouco” (Orta, 1987: 235). Segundo Orta, apenas os Persas e os Arábios (em particular Avicena, Rasis, Serapião e Mesue) se referem ao coqueiro e ao coco comum.

Orta descreve o coqueiro, comparando-o com a flora conhecida na Europa, explica a Ruano a melhor forma de o plantar e de manter as plantações e expõe os aproveitamentos do coqueiro e as diferentes utilizações de todas as partes do fruto tanto em verde como em seco. Assim, descreve os usos da madeira e das folhas, salientando que os habitantes locais produzem coqueiros com dois fins específicos: uns, para utilização do fruto e, outros, para recolha

da seiva a partir da qual se elaboram novos produtos. Da *çura* (isto é, da seiva), produzem-se bebidas alcoólicas<sup>7</sup>, um vinagre e um açúcar.

No que toca ao fruto, Orta descreve o seu sabor, também em comparação com sabores conhecidos na Europa e dá conta da comestibilidade do coco ao longo das suas diferentes fases de maturação. Salienta o uso culinário do coco desidratado/seco e do leite de coco, extraído da copra do coco maduro. Finalmente, refere os usos do óleo de coco, obtido por dois processos: “hum he feito de *coquos* frescos, e o outro da que chamamos *copra*, que he os *coquos* sequos” (Orta, 1987: 239) e, nesta sequência, Orta enuncia as propriedades medicinais de ambos os óleos de coco.

A partir da enumeração das propriedades medicinais do óleo extraído do coco jovem, Orta corrobora e, simultaneamente, refuta o conhecimento veiculado por Avicena acerca deste fruto. Assim, diz-nos Orta (Orta, 1987: 239):

e esta he hum mészinha purgativa, que purga lubrificando ou fazendo brando; a muitos a damos pera evacuar as tripas e o estomago somente; e purga muyto bem, sem nenhum perigo, nem damno (...). E se Avicena entende deste oleo, que he bom nutrimento, diz verdade; mas nam a diz em dizer que nam molifica o estamago, em dizer que nam he lubrico ou corrediço.

Sobre o óleo obtido a partir da copra, afirma: “he muyto boa mészinha pera os nervos; e muyto proveito achamos nelle pera o espasmo, ou dores de juntas antigas, scilicet, metendo o paciente em huma almadia pequena, mais que de comprimento de home, ou em huma gamela grande; e nelle quente deixão dormir e estar o paciente, e milagrosamente aproveita” (Orta, 1987: 239).

Interpelado por Ruano, refuta que os óleos sejam bons para matar lombrigas, embora afirme que não “he emconveniente que estanque o ventre comido; e o olyo que relaxe o ventre” (Orta, 1987: 240). Depois deste momento, o diálogo centra-se no *Lodoicea maldivica* L.<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Orta refere o processo de elaboração de três bebidas alcoólicas produzidas a partir da seiva.

<sup>8</sup> As propriedades do *Lodoicea maldivica* L. não fazem parte da nossa investigação, ainda que mereçam ser analisadas com alguma atenção por parte dos investigadores.

#### 4. O *cocos nucifera* L. nos tratados de *materia medica* pós Garcia de Orta

##### 4.1. Ainda no século XVI: os tratados de Clusius, Fragoso e Acosta

Após a publicação dos *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, e até ao final do século XVI, são publicados, em número significativo, tratados sobre o Oriente nos quais se incluem descrições do coco e das suas propriedades medicinais. No entanto, tal como lembram vários autores (Lopes, 2006; Carvalho, 2011 e 2014; Soler, 2013; Mujamdar, 2016, entre outros), a maioria dessas publicações tem por base as três obras que catapultam Orta para a Europa e para os círculos de ciência da época. Nesta medida e para a centúria de quinhentos, optamos por centrar a nossa atenção exclusivamente nas obras decisivas para a divulgação do saber de Orta extra muros: as obras de Clusius, de Juan Fragoso e de Cristóvão da Costa.

Clusius descobre o trabalho de Orta aquando da sua viagem pela Península Ibérica e, em 1567, dá à estampa o seu *Aromatum et Simplicium aliquot medicamentorum apud Indios nascentium historia*. Na realidade, e tal como lembra Lopes (2006), não se trata de uma tradução *ipsis verbis* do texto português, mas de uma sinopse dos conteúdos descritos por Orta, apresentando “alfabeticamente a matéria científica que se pretendia dar a conhecer” (Lopes, 2006: 22). Em termos formais, Clusius descarta o diálogo e opta pela prosa. Apesar das diferenças discursivas entre os *Colóquios dos Simples* e o *Aromatum et Simplicium*, da comparação das obras verifica-se que, no plano do conteúdo e no caso específico do capítulo intitulado *De nux indica*, Clusius é bastante fiel ao texto de Orta, limitando-se a referir as propriedades medicinais do coco (*cocos nucifera* L.) já descritas nos *Colóquios dos Simples*.

Juan Fragoso, contemporâneo de Garcia de Orta, publica em Madrid, em 1572 o *Discurso de las cosas aromáticas, arboles y frutales*. Neste texto há, tal como no de Orta, um capítulo dedicado simultaneamente ao *cocos nucifera* L. e ao *Iodoicea maldivica* L. Embora Fragoso se baseie no trabalho de Orta, da comparação dos *Colóquios dos Simples* com o *Discurso de las cosas aromáticas* constata-se divergências entre as descrições dos usos e das propriedades medicinais do coco. Fragoso apresenta-se muito mais sintético do que Orta quando refere a importância económica do coco (*cocos nucifera* L.) e os seus usos industriais, quando relata a

obtenção tanto da bebida alcoólica como do óleo por dois processos distintos ou quando menciona as propriedades medicinais do fruto. Tal como Orta, Fragoso refere o uso do óleo de coco obtido do coco verde como purgante do estômago e das tripas e menciona o medicamento purgativo alternativo preparado com óleo de coco e vagens de tamarindo. De forma muito mais concisa do que Orta, refere o uso do óleo de coco obtido da copra como remédio para espasmos, para a gota, para a artrite e ainda para questões nervosas<sup>9</sup>. Porém, no *Discurso de las cosas aromáticas*, Fragoso distancia-se de Orta e menciona o uso do óleo (obtido da copra) como hidratante corporal: “supe de algunas personas de la India, que muchas mugeres de aquella region oriental, aunque sean viejas, se vañon todo el cuerpo en un tinajon lleno deste azeyte, con el qual uso se desarrugan todo el cuerpo, y se remoçan notablemente, quedãdoles muy buena tez y color, especialmente en el rostro” (Fragoso, 1572: fl. 86v-87).

Cristóvão da Costa, também contemporâneo de Garcia de Orta, publica em Burgos, em 1578, o *Tractado de las drogas y medicinas de las indias orientales* no qual dedica um capítulo à palma e ao seu fruto<sup>10</sup>. Cristóvão da Costa e Garcia de Orta coincidem na descrição do processo de obtenção dos óleos de coco e nos seus usos medicinais, bem como na descrição dos aproveitamentos das distintas partes do coqueiro e do coco tanto para usos culinários como para fins industriais/construtivos. Do *Tractado de las drogas y medicinas de las indias orientales*, sobressai, no entanto, a descrição dos usos medicinais da água de coco que não é contemplada nos *Colóquios dos Simples*. Diz-nos Cristóvão da Costa (1578: 102) que “esta agua serenada, y con su açucar es mucho en uso a los que tienen sobrado calor en el higado, y riñones, y a los que echam materia por el miembro: pero serenase en la propria Laña (que asi se llama este fructo quando verde)”.

#### 4.2. O coco na Europa médica do século XVII

<sup>9</sup> “Es de dos maneras el azeyte, uno de los cocos machacados, infundiendoles agua caliente, sobre la qual despues de exprimidos, anda nadando el azeyte. Del qual usan para purgar blandamete es estomago y tripas. No obstante que muchos añaden expression de tamarindos, y hazē un singular medicamento para el mismo efecto. El otro genero de azeyte es el que se dixo primero: el qual es grande medicina para espasmo y gota artética de mucho tiempo. (...) de todo el fruto no se halla cosa que pueda convenir a pasiones nerviosas, sino es el azeyte de quien arriba se hizo mención” (Fragoso, 1572: fl. 86-88).

<sup>10</sup> Tal como Garcia de Orta, Cristóvão da Costa também refere o *Iodoicea maldivica* L., mas, ao contrário de Orta, dedica-lhe um capítulo inteiro.



O século XVII é pródigo em edições, tanto em latim como em línguas vernáculas, de tratados científicos em diversos domínios do conhecimento. Centramos, por isso, a nossa atenção em apenas quatro textos publicados ao longo do século XVII e em diferentes línguas: em latim, em francês e em inglês. A escolha do tratado de François Pyrard, do de John Gerard, do de Hendrik Van Rheede e do de Rumphius é, de certa forma, aleatória. Subjaz-lhe, no entanto, a intenção de dar conta de leituras diferenciadas sobre as propriedades medicinais do coco (*cocos nucifera* L.), provenientes de países pólos difusores de cultura durante a centúria de seiscentos e concorrentes dos portugueses no processo de expansão mercantil no oriente. Muito particularmente, procuramos exemplificar leituras sobre as propriedades medicinais do coco provenientes daqueles países que se tornariam determinantes para as práticas médicas e farmacológicas basilares da medicina e da farmácia actuais.

John Gerard, no seu *The Herball or generall historie of plants*<sup>11</sup>, depois de dar conta de algumas peculiaridades relativas à árvore<sup>12</sup>, descreve as virtudes e os usos do coco referindo que a partir da seiva se produz um agradável licor “from the which is drawn a strong and comfortable Aqua vitae, which they use in time of need against all maner of sickness” (Gerard, 1597: 1339). Este autor reitera, ainda que de modo muito sintético, as propriedades medicinais do óleo de coco: não é somente bom para a comida, “but also for medicine, where with they annoint their feeble lims after their tedious travel by means wherof the ach and pain mitigated, and other infirmities quite taken away proceeding of other causes” (Gerard, 1597: 1339<sup>13</sup>).

---

<sup>11</sup> A 1ª edição da obra de John Gerard, *The Herball or generall historie of plants*, sai ainda em vida do autor, em 1597 (acedido em 10/1/2016: <http://caliban.mpipz.mpg.de/gerarde/index.html>). Após a morte de Gerard, o boticário Thomas Johnson revê e aumenta a obra de John Gerard, dando-a à estampa exactamente com o mesmo título em 1633 e em 1636 (acedido em 10/1/2016: <https://archive.org/details/herballorgeneral00gera>). No que se refere ao coco, a edição de Gerard (1597: 1338-1339) e a de Johnson (1636: 1521-1523) apresentam diferenças uma vez que Johnson amplia o subcapítulo “The Description”, dando-nos diversas informações que não constam da obra de Gerard. Nos demais pontos, nomeadamente no subcapítulo intitulado “The vertues of use”, ambas as obras são absolutamente coincidentes.

<sup>12</sup> Centra-se nos nomes da árvore e do fruto, em aspectos do seu cultivo e na sua trasladação para outras partes do globo.

<sup>13</sup> Na edição de Thomas Johnson, (1636) cf. p. 1523.

François Pyrard brinda-nos com uma longa e minuciosa descrição dos usos e importância do coqueiro e do coco para os indianos, na qual deixa patente a assombrosa admiração dos europeus por esta árvore. Do capítulo que dedica à “l’ arbe admirable qui porte la noix d’ Inde appellee coco” no seu *Discours du voyage des François aux Indes Orientales*, de 1611, destaca-se sobretudo a tónica que coloca nas potencialidades comerciais da árvore e do fruto<sup>14</sup>. Ainda que no título do largo capítulo que dedica ao coco refira o facto de o coqueiro ser uma árvore que providencia todas as coisas necessárias à vida humana<sup>15</sup>, consagra pouca atenção às propriedades e aos usos medicinais do coco. Muito diferentemente de Orta, Pyrard centra-se exclusivamente nos usos tópicos do óleo de coco extraído da copra e, do seu texto, destaca-se a referência explícita às práticas dos médicos portugueses no oriente que usam medicamentos feitos à base de coco. Assim, segundo o autor (Pyrard, 1611: 356):

Elle [l’huile] est aussi fort bône pour les blessures et ulcères, et c’est la principale recepte des Maldives: et de moy i’en ay esté guary. C’est un souverain remede contre la galle, qu’elle fait secher et tomber peu de iours apres qu’on s’en est frotté. Les Medecins et Chirurgiés que sont parmy les Portugaiz s’en servent aux medecines et unguens, encore qu’ils puissent avoir de celle d’Espagne, et la tiennent plus medicinal, et tres bône à certaines maladies.

Cento e trinta anos depois da publicação da obra de Garcia de Orta<sup>16</sup>, o holandês Hendrik Van Rheede, no seu *Hortus Indicus Malabaricus*, apresenta sob o título “vires eius” os usos medicinais do coco e das suas partes. Na realidade, Van Rheede apresenta-nos, detalhadamente, os usos medicinais de diferentes partes da árvore e

---

<sup>14</sup> Na nossa óptica, o texto de Pyrard, ainda que trate das propriedades medicinais de alguns dos alimentos que descreve, não se inscreve directamente no conjunto de tratados de *materia medica*, dadas as características e dados os objectivos da obra. O trabalho de Pyrard e o de François Martin de Vitré (*Description du premier voyage fait aux Indes Orientales par les françois en l’an 1603*) são complementares já que ambos partiram na mesma expedição, ainda que em embarcações diferentes. Tanto Pyrard como Martin de Vitré foram dos primeiros comerciantes franceses a visitar o Oriente no século XVI.

<sup>15</sup> O capítulo chama-se “Description fort paticuliere de l’arbe admirable que porte la noix d’Inde appellee cocos, qui seul produit toutes comoditez et choses necessaires pour la vie de l’homme” (Pyrard, 1611: 347).

<sup>16</sup> O *Coloquios dos Simples e Drogas da Índia* é publicado em 1563 e o *Hortus Indicus Malabaricus* em 1693

do fruto, em decocções e misturadas com outros ingredientes, para tratar pústulas gengivais; olhos; hemorroidas; doenças venéreas; problemas gastro-intestinais; tosse nascida da “melancholia” e, ainda, doenças da pele<sup>17</sup>. As propriedades e usos medicinais do coco (*cocos nucifera* L.) descritos por Van Rheeede não só se distanciam bastante da informação difundida pelos *Colóquios dos Simples* como a ampliam de forma significativa.

Rumphius<sup>18</sup> redige, durante toda a segunda metade do século XVII, o magnânimo e meticoloso *Herbarium Amboinense*, cujos 10 volumes, no entanto, só veriam a luz a partir de 1741<sup>19</sup>. Ao coco (*cocos nucifera* L.), que denomina de *Palma Indica Major: Calappa*, dedica os três primeiros capítulos da Pars Prima. Da sua obra, destaca-se o especial cuidado que tem em distinguir claramente as várias espécies de palmeiras que se encontram no Oriente; sobressaindo a descrição exaustiva de todas as partes constituintes da palmeira e os seus diferentes aproveitamentos; a referência aos autores anteriores a si que mencionam o coco e os diferentes nomes tanto do coco como das suas partes. A mesma preocupação de exaustividade encontra-la na descrição das propriedades medicinais do coco: menciona o uso da água de coco para estimular os suores<sup>20</sup>; refere o uso do

---

<sup>17</sup> “Radix decocta in aquam et cum ficco gingibere epota confert pro febre cálida, eadem trita et decocta cum óleo fructus seu *Coqui* adhibetur in ablutione oris pro pustulis in gengiva obortis; succus ex ramis tenellis expressus et mixtus cum momento mellis oculis ad sedandum dolorem adhibetur facta lotionem, succus foliorum cum óleo fructus seu *Coqui* in decoctodatus proficuus est pro haemorrhoidibus; flores cum saccharo comesti juvant urinantes materiam purulentam; succus ex floribus expressus ac in lacte vaccae datus proficuus est pro gonorrhoea; capsula florum trita et cum óleo decocta prodest in ulceribus ex adustione ortis facta perunctione, succus ex fructu tenello expressus servit pro pustulis oris in infantibus facta lotionem, ut et pro oculorum doloribus eodem modo adhibita; aqua *Cansje* epota cum floribus ardori jecoris restinguendo confert, eadem in iterata lotionem capitis pro rubedine oculorum conducit; medulla fructus seu *Coqui* valet pro sulcis oris masticata; oleum ex medulla extractum pústulas capitis pellit facta peruntione, idem proficuus quoque est pro haemorrhoidibus eodem modo usurpatum; pyrum quod ex aqua in cavitate *Coqui* excrescit cum oryza tostum datur pro tussi ex melancholia nata, ex cortice arboris exprimitur oleum quocum ungitur pars affecta morbo cutâneo nato ex vermibus” (Rheeede, 1693: 8)

<sup>18</sup> Georg Everhard Rumpf.

<sup>19</sup> A edição da obra no século XVIII é uma edição bilingue, latim/alemão.

<sup>20</sup> “Cortice jam detracto in conspectum venit ipsa nux, seu putamen, quod in junioribus nucibus, quae optime potui inserviunt, molle est, seu cartiliginosum, sed nos adhibetur, quum nimis molle, ac mucilaginosum sit: Lympha hujus nucis frigida quidem, ac grata est potui, se quum fuerit assumpta, statim per omnes penetrat artus, ac sudores excitat, quam ob rem quidam falso hanc lympham calidae naturae esse perhibent, quum tamen assumpta si fuerit tempore calido, sudores excitet: experientia

óleo de coco como loção capilar e corporal, como preventivo de parasitas, nutritivo para o cabelo e assinala o seu uso em conjugação com a curcuma<sup>21</sup>; alude ao uso do óleo como lubrificante intestinal, dando conta dos povos que o usam para esse fim; refere que os médicos portugueses usam o óleo de coco num xarope para a tosse e para a asma e que as propriedades nutritivas do óleo são potenciadoras do sémen<sup>22</sup>. Segundo ele, o óleo pode ser usado externamente para as hemorroidas; como bálsamo para dores nos ossos, nas costas e nos joelhos; como calmante e emoliente; pode ser misturado com outros óleos para tratar doenças várias como gota ou artrite; pode usar-se para mitigar as dores na varíola e para preparar unguentos (Rumphius, 1741: 21). Na sua obra, interpela directamente o conhecimento veiculado por portugueses e espanhóis, segundo ele mal interpretado por Varthema, e interpela também o trabalho de Van Rheede ao qual acrescenta alguns apontamentos baseados na sua própria experiência<sup>23</sup>. Termina o capítulo terceiro com referência a

---

quaque contrarium confirmat, si enim quispiam exagitatus cito magna copia hanc hauriat lympham, praesertim matutino tempore, ac jejunus, cito talis fit Apoplecticus, vel Paralyticus, quod neutiquam calori, sed potius súbito frigori aestuantem sanguinem condensant adscribendum est. Hoc malum frequens est inter nostros milites, ac nautas in bellis Indicis, qui lympham Calappa nucis adeo incaute ingurgitant, ac per noctem sub dio frigido rori sese exponunt saepe decumbentes, unde tum Apoplexia Indica tales infestat; ceteroquin potus est salubris, ac solummodo in dicto morbo et intestinorum debilitate prohibendus, si vero nux sub cineribus fuerit tosta, ac tum liquor potentur, innoxie et cum successu propinari potest” (Rumphius, 1741: 16).

<sup>21</sup> “Inde quoque tam mares quam feminae quotidiano usu caput, capillitium, ac totem corpus hoc oleo fricant, atque illiniunt, tam contra morbos, quam consueto more, quo etiam ingratis ac rancide olente, ac pabulum praebent millionibus pediculatorum; gloriantur tamen inde sese conquirere densum, longum, nigrum, ac splendens capillitium, cujus summi sunt amatores; alii corpus inungunt hoc oleo cum paucillo curcumae contrito, plurimum tamen Javanenses ac Baleienses feminae hoc faciunt, quae dicunt corpus inde nitidam acquirere cutem, scabiem, atque omnes squalores praecaventem, et curantem, quo etiam pilli e corpore escrescere impediuntur, quae omnia tamen plus Curcumae, quam oleo Calappi sunt adscribenda.” (Rumphius, 1741: 17-18)

<sup>22</sup> “Ut nunc etiam aliquid de viribus medicatis Olei Calappi dicam, hoc recens interne adhibetur vel solum vel cum Tamarindis mixtum ad alvum leniter lubricandam, plurimum tamen a Malabaribus, atque aliis Indostanis populis, sed a Malaicensibus, et Europaeis, raro aut vix umquam interne assumitur, nisi in tussi. Medici Portugalli illud cum Syrupio Violarum ad tussim praescribunt, ut et contra Asthma; oleum hoc etiam nutriendum admodum habetur, quo corpus pinguescit, ac semen in viris augetur” (Rumphius, 1741: 20-21).

<sup>23</sup> “In Horto Malabarico sub sinem primi capituli quindecim virtutes hujus arboris medicinales notantur, quae quum hic extra usum sunt, omitto, exceptis tribus subsequentibus, quae incolis nostris notae sunt” (Rumphius, 1741: 21)

remédios compostos com óleo de coco (Rumphius, 1741: 23-24). O trabalho de Rumphius, quando comparado com o dos seus antecessores, em particular com o trabalho de Orta, patenteia um substancial avanço no conhecimento sobre as propriedades medicinais do coco (*cocos nucifera* L.)<sup>24</sup>.

## 5. Nota final

Depois dos *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* de Garcia de Orta praticamente todos os tratados de *materia medica* sobre simples e drogas do Oriente passam a conter referências aos usos medicinais do coco (*cocos nucifera* L.)<sup>25</sup>. À medida que os séculos XVI e XVII avançam e o conhecimento sobre as plantas autóctones de cada região se difunde pela Europa, os tratados tendem a especializar-se, procurando diferenciar-se dos anteriores com pormenores inovadores sobre as plantas e sobre os locais descritos.

Por conseguinte, o levantamento das menções às propriedades medicinais do coco em tratados de *materia medica* ao longo do século XVII permite-nos comprovar que, à medida que o conhecimento sobre o Oriente se sedimenta e à medida que as plantas se tornam mais familiares aos europeus, amplifica o conhecimento sobre as suas propriedades medicinais, inclusive sobre as do coco. Comparadas as referências às propriedades medicinais do coco no trabalho de Orta com as que surgem nos textos convocados ao longo deste estudo, constatamos que progressivamente vão sendo dados a conhecer novos usos medicinais que complementam o saber veiculado por Orta.

Do levantamento acima apresentado, é de notar também o facto de nenhum dos autores ulteriores a Orta corrigir ou emendar a informação sobre as propriedades medicinais do coco compiladas nos *Colóquios dos Simples*, validando-se, por conseguinte, o seu trabalho.

---

<sup>24</sup> O trabalho de Rumphius é um marco na história dos tratados de *materia medica* porquanto comprova um avanço do conhecimento e, simultaneamente, testemunha uma evolução epistemológica. Com efeito, esta obra, herdeira do experiencialismo ocular encetado sob a égide humanista europeia, exhibe um conhecimento decorrente de um novo experiencialismo baseado na observação sistemática e metódica. Já não se trata apenas de dar a conhecer o novo saber: importa, acima de tudo, registá-lo e organizá-lo de forma enciclopédica para ser disponibilizado.

<sup>25</sup> É possível encontrar em receituários referências ao óleo coco, simples ou diluído noutras substâncias, para males diversos. Cf., por exemplo, John Jonston, *Idea Universae Medicinae Practicae*, Libris XII, editado em 1652.

Creemos, por isso, que a recepção do texto de Orta pelos autores posteriores aqui citados funda um diálogo de evidente complementaridade. Trata-se de um relacionamento dialogal que comprova o quanto Orta era um homem avançado para o seu tempo e que, simultaneamente, mostra como é possível ampliar conhecimento a partir de conhecimento, corroborando as palavras de Henrique Leitão.

### Bibliografia ativa

- Clusius (1567): Carolo Clusius, *Aromatum et Simplicium aliquot medicamentorum apud Indios nascentium historia*, Antuérpia, Impresso na oficina de Christofori Plantini tipógrafo régio ([Acedido em 12/1/2016] <https://archive.org/stream/aromatumetsimpl00lgoog#page/n3/mode/1up>)
- Costa (1578): Cristóvão da Costa, *Tractado de las drogas y medicinas de las indias orientales*, Burgos, Martim de Victoria Impressor de su Magestad.
- Fragoso (1572): Juan Fragoso, *Discurso de las cosas aromáticas, arboles y frutales y de otras muchas medicinas simples que se traen de la India oriental y sirven al uso de la medicina*, Madrid, Casa de Francisco Sanchez.
- Gerard (1597): John Gerard, *The herball or Generall Historie of Plants*. Londres, impresso por John Norton Impressor ([Acedido em 12/1/2016] <http://caliban.mpipz.mpg.de/gerarde/index.html>)
- Gerard (1636): John Gerard, *The herball or Generall Historie of Plants Very much Enlarged and Amended by Thomas Iohnson*, Londres, impresso por Adam Islip, Ioice Norton and Richard Whitakers ([Acedido em 12/1/2016] <https://archive.org/details/herballorgeneral00gera>)
- Orta (1563-1987): Garcia de Orta, *Colóquios do simples e drogas da Índia*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Rheede (1693): Hendrik Van Rheede, *Hortus Indicus Malabaricus*, Amesterdão, Impresso por Ioannis van Someren, Iannis van Dyck e Thoedori Bloom ([Acedido em 12/1/2016] <https://archive.org/stream/HortusMalabaricus/31753003370076#page/n5/mode/1up>).

Rumphius (1741): Georgius Everhardus Rumphius, *Herbarium Amboinense*, Amesterdão, Impresso por Meinard Uytwerf, ([Acedido em 12/1/2016] <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924068959018;view=1up;seq=45>)

### Bibliografia passiva

Aires-Barros (2008): Luís Aires-Barros, “Garcia de Orta e Alexandre de Humboldt: homens de síntese e de transição”, in Mendes, A. / Fragoso, G., *Garcia de Orta e Alexander von Humboldt – Errâncias, Investigações e Diálogo entre culturas*, Lisboa, Universidade Católica Editora, pp. 15-22.

Baas / Veldkamp (2013): Pieter Baas / Jan Frits Veldkamp, “Dutch pre-colonial botany and Rumphius’s *Ambonese Herbal*”, *Allertonia*, nº 13, pp. 9-19.

Bhattacharyya (1982): P. K. Bhattacharyya, “Beginnig of modern botany in India by dutch in 16th-18th century (basic features and characteristics)”, *Indian Journal of History of Science*, nº 17, 2, pp. 365-376.

Boxer (1963): C. R. Boxer, *Two pioneers of tropical medicine: Garcia d’Orta and Nicolás Monardes*, London: Wellcome Historical Medical Library.

Cañizares-Esguerra (2004): Jorge Cañizares-Esguerra, « *Iberian Science in the Renaissance: Ignored How Much Longer?*”, *Perspectives on Science*, Vol. 12, nº. 1, pp. 86-124.

Cardoso / Costa (2015): Adelino Cardoso / Palmira Fontes da Costa (eds.), *Botânica, Medicina e Cultura nos Colóquios de Garcia de Orta*, Lisboa, Colibri.

Carvalho (2011): Teresa Nobre de Carvalho, “A apropriação de Colóquios dos Simples por dois médicos ibéricos de Quinhentos”, in P. Fontes da Costa / A. Cardoso (ed.), *Percursos na História do Livro Médico (1450-1800)*, Lisboa, Colibri, pp. 59-72.

Carvalho (2013): Teresa Nobre de Carvalho, “Clusius em Portugal: uma viagem, múltiplos encontros”, *Abriu*, nº 2, pp. 39-55.

Carvalho (2014): Teresa Nobre de Carvalho, “De Goa para o mundo: viagem de Colóquios dos Simples de Garcia de Orta”, in V. S. Pereira / M. Curado (Org.), *Judeus portugueses no mundo*.

- Medicina e cultura*, Braga, Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho, pp. 53-73.
- Carvalho (2015): Teresa Nobre de Carvalho, *Os desafios de Garcia de Orta. Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, Lisboa, Esfera do Caos Editores.
- Costa / Carvalho (2013): Palmira Fontes da Costa / Teresa Nobre de Carvalho, "Between East and West: Garcia de Orta's Colloquies and the circulation of medical knowledge in sixteenth century", *Asclepio. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, nº 65, 1, pp. 1-13.
- Costa (2015): Palmira Fontes da Costa, *Medicine, Trade and Empire - Garcia de Orta's Colloquies on the Simples and Drugs of India (1563) in context*, Londres / Nova Iorque, Routledge.
- D'Cruz (1991): Ivan A. D'Cruz, "Garcia de Orta in Goa – pioneering tropical medicine", *British Medical Journal*, Vol. 303, nºs 21-28, pp. 1593-1594
- Frodin (1998): Devid G. Frodin, "Tropical biology and research institutions in South and Southeast Asia since 1500: Botanic gardens and scientific organizations to 1870", *Pacific Science*, vol 52, nº 4, pp. 276- 286.
- Gil García (2015): Teresa Gil García, "Traducción y ciencia en la historia de la lengua: terminología botánica de origen hispánico en italiano", in Beni, M. De, *De los Descubrimientos a las taxonomías – La botánica y la zoología en la lengua española del Renacimiento a la Ilustración*, Mantova, Universitas Studiorum Editrice, pp. 47-72.
- Kochhar (2012): Rajesh Kochhar, "Early modern natural history: Contributions from the Americas and India", *Journal of Bioscience*, vol. 37, nº 6, pp. 937-947.
- Lee (1991): Thomas H. C. Lee (ed.), *China and Europe: images and influences in sixteenth to eighteenth centuries*, Hong Kong, The Chinese University Press.
- Liberato (2011): Maria Cândida Liberato, "Contribuição para o conhecimento de Garcia de Orta", *Revista de Ciências Agrárias*, Vol. 34, nº 1, pp. 110-119.
- Lopes (2006): Marília dos Santos Lopes, "A revelação das plantas: Garcia de Orta, Clusius e as espécies asiáticas", *Revista de Cultura*, nº 20, pp. 11-27.



- Malieckal (2015): Bindu Malieckal, “Early modern Goa – Indian trade, transcultural medicine, and the iquisition”, *Religion and Food – Scripta Instituti Donneriani Aboensis*, nº 26, pp. 135-157.
- Mujamdar (2016): Sisir K. Mujamdar, “Universalism in medicine through the ages – I”, *Science and Culture*, vol 82, nºs 1 e 2, pp. 19-28.
- Pires (2016): Natália Albino Pires, “O coco – de ilustre desconhecido a superalimento”, no prelo.
- Soler (2013): Isabel Soler, “El viaje fue necesario: lecturas renacentistas del viaje portugués”, *Abriu*, nº 2, pp. 73-91.
- Soler / Pimentel (2014): Isabel Soler / Juan Pimentel, “Painting naked truth: the Colóquios of Garcia da Orta (1563)”, *Journal of Early Modern History*, nº 18, pp.101-120.
- Soler / Pimentel (2015): Isabel Soler / Juan Pimentel, “Garcia de Orta: notas sobre las fronteras de la ciencia renascentista”, in Araguás, I. A. / Páez Rodríguez, A. / Smaniego Sastre, M. (eds.), *Traducción y representaciones del conflicto desde España y América – una perspectiva interdisciplinaria*, Salamanca, Ediciones de la Universidad de Salamanca y de la Universidad Católica de Temuco, pp. 89-106.
- Vos (2010): Paula de Vos, “European materia medica in historical texts: longevity of a traditional and implications for future use”, *Journal of Ethnopharmacology*, nº 132, pp. 28-47.